



GRUPO  
MÚSICA  
CONTEMPORÂNEA  
LISBOA

***Notas de programa***

**ALEXANDRE DELGADO – Poemas de Deus e do Diabo  
2001**

José Régio concebeu este poema em três partes, perfeitas para uma estrutura musical integrada: na primeira descreve o Cristo, na segunda o demónio, na terceira faz mistura frenética de ambos. O autor vacila entre o amor e a lascívia, entre a compaixão e a sedução (o poema tem um inesperado cunho homoerótico) e acaba "esmagado entre eles dois". É esse percurso que a música procura traduzir, num bloco contínuo.

Os "Poemas de Deus e do Diabo", escritos aos 24 anos, têm laços evidentes com a poesia de Mário de Sá Carneiro: José Régio (1901-1969) foi um dos primeiros a dar o devido valor aos poetas do 1º Modernismo Português. "Painel", primeiro poema dessa colectânea, tem interessantes pontos de contacto com o poema "Rodopio" de Mário de Sá Carneiro, outra visão onírica entre o inferno e o paraíso, que em 1987 musiquei com o título "Turbilhão", para baixo e quarteto de cordas.

Esta foi escrita em Almoçageme entre Outubro e Novembro de 2001 e é dedicada a Carmélia Âmbar.

Alexandre Delgado

## "Painel"

José Régio (1901-1969)

in "Poemas de Deus e do Diabo" (1925)

Ora uma noite de luar medonho  
(lembro-me disto como dum sonho)  
Alevantou-se um Homem a meu lado,  
Todo nu, e desfigurado.

Mal me atrevendo a olhá-lo, eu quase só adivinhava  
Seu corpo devastado que sangrava...  
E uma lembrança, longe, longe, havia em mim  
De já o ter amado, ou outro assim.

Seu rosto, que, decerto, era sereno e puro,  
Resplandecia, como um mármore, no escuro;  
E as suas lágrimas, rolando devagar,  
Deixavam rastros que faziam luar...

Eu prosseguia, todo trémulo e confuso,  
Cheio de amor e de terror por esse intruso.  
À minha mão direita, ele avançava aèreamente,  
Com seu ar espectral e transcendente...

Os seus pés nem pousavam no caminho;  
E então, eu desatei a soluçar baixinho,  
Porque notara que em seu rosto exangue  
As suas lágrimas corriam misturadas com seu sangue.

Oh, onde a vira eu, essa figura peregrina  
Feita de terra humana e de ascensão divina?  
Sim, onde a vira eu, que, só de o perguntar,  
Me arrepiava, com vertigens de ajoelhar?

Mas, de repente, como um sobressalto,  
E como a angústia de quem rola de muito alto,  
Alguma coisa em mim passou, que pressentia,  
E que se arrepelava, e que tremia...

É que em meu ombro esquerdo alguém se debruçava,  
Alguém que ria um riso que espantava,  
Um riso tenebroso, e cheio de atracção,  
Com fogo dentro como a boca dum vulcão!

E, sem o ver, eu via-o todo inteiro,  
Essoutro novo e inseparável companheiro:  
Um que também conheço, nem sei donde nem de quando,

Por mais que me torture procurando...

E tinha pés de cabra, e tinha chifres, tinha pêlos,  
E tinha olhos sulfúricos, esfíngicos e belos...  
A baba do seu riso escorregava-lhe da boca,  
E em todo ele ardia uma lascívia louca!

À minha mão direita, absorto, aéreo, hirto,  
Coroadado de abrolhos e de mirto,  
O Outro continuava a chorar lágrimas caladas,  
Com as mãos lassas como rosas desfloradas...

Entre os dois, eu sentia-me pequeno e miserando,  
Vibrando todo, tumultuando, soluçando,  
Com olhos meigos, lábios torpes - indeciso  
Entre um inferno e um paraíso!

Um riso doido e cínico, sem regra,  
Subia em mim como uma onda negra,  
E, estrelados de lágrimas, meus olhos inocentes  
Ajoelhavam como penitentes...

Entretanto, os dois vultos desmedidos  
Iam crescendo entre os meus risos e gemidos,  
Crescendo sempre, sempre e tanto, que, depois,  
Eu ficava esmagado entre eles dois.

A noite em que isto foi, não sei..., sei lá?... (Seria  
Essa em que minha Mãe, com tanta angústia, me paria...)  
Sei que o luar era medonho, era amarelo,  
E que tudo isto me parece um pesadelo!